

O FUTURO DO CAPITALISMO NO MUNDO PÓS-PANDEMIA E OS DESAFIOS POSTOS PARA OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Leonardo Ferreira Peixoto
Núbia Regina Moreira
Talita Vidal Pereira

A crise que se abateu sobre o planeta em 2020 em razão da COVID-19 aguçou as desigualdades econômicas e sociais, conferindo visibilidade aqueles que vivem nos porões sobre os quais o capital ergue seus castelos de sonho e prosperidade. No Brasil, isso se agrava em um cenário de retrocessos que ameaçam direitos sociais básicos como educação, cultura, saúde, segurança, moradia, preservação ambiental etc. Cenário que, por um lado, tem sido fértil para disseminação de perspectivas pessimistas “nada vai mudar”. Por outro lado, outros mais otimistas apostam na dimensão pedagógica da crise como possibilidade de construção de um outro mundo possível. A proposta deste dossiê, que reúne pesquisadores de diferentes campos do conhecimento, é contribuir para reflexões sobre os limites e possibilidades de rearticulação do capital neste cenário. Importante ressaltar que, os textos do dossiê foram, em sua maioria, produzidos ao final do ano de 2020.

No texto intitulado “O MOVIMENTO CULTURAL NOS SUBÚRBIOS DO RIO DE JANEIRO E AS FRAGILIDADES EXPOSTAS PELO CAPITALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA”, Claudio Jorge da Silva Soares afirma que, enquanto 42 bilionários brasileiros aumentaram suas fortunas, milhões de brasileiros viram suas vidas naufragarem durante esse período, dentre estes, muitos pequenos e médios empresários. Neste artigo, o autor tem por objetivo apresentar os efeitos da má distribuição econômica e seus efeitos nefastos durante a Pandemia na Cultura dos Subúrbios Cariocas. Ancorado nos recursos da Netnografia, o autor pretende fazer ecoar vozes dos excluídos, no sentido de que elas sejam os interlocutores da falta de políticas públicas de cultura nos subúrbios.

Em “A INTENSIFICAÇÃO DAS PRECARIIDADES E O APEGO A UM PASSADO IMAGINADO: O caso de Moçambique”, Hermínio Ernesto Nhantumbo e Talita Vidal Pereira discutem o caso de Moçambique para argumentar que a vulnerabilidade do sistema educativo, em certa medida, simboliza a resignificação persistente das relações de dependência que marcam a história do país. Relações de dependência, dominação e bloqueio das diferenças que as utopias do movimento nacionalista pós libertação colonial não foram suficientes para superar. Assumindo uma perspectiva discursiva de investigação dos fenômenos sociais, os autores argumentam com Homi Bhabha e Jacques Derrida que o apego a um ideal marxista determinista contribui para o aprofundamento de práticas que favorecem a construção de uma democracia como porvir.

Sérgio Rafael Barbosa da Silva, em “*MODERNIZAÇÃO DEPENDENTE E A PANDEMIA DO COVID-19: REFLEXÕES SOBRE ENSINO PRESENCIAL E NÃO-PRESENCIAL*”, entende que a pandemia do Covid-19 contribuiu para inaugurar um novo capítulo na organização do sistema educacional brasileiro, colocando em pauta a mescla de ensino presencial e não-presencial. Deste modo, o autor recorre a contribuição de Florestan Fernandes para pensar que o ensino não-presencial pode ser entendido por meio da ideia de modernização dependente. Neste sentido, considera que a modernização dependente se desenrolou no Brasil através da implantação de instituições e de estruturas econômicas e sociais. Para o autor, os valores difundidos no processo de modernização dependente afirmaram a importância de alcançar índices de crescimento nas diferentes formas de organização da economia, da sociedade e da cultura. O texto argumenta que as iniciativas que foram tomadas para reorganizar o sistema educacional do país durante a pandemia representam um passo a mais na incorporação das práticas educativas dos professores do país ao ambiente virtual e sociocultural de plataformas educacionais criadas pelos países hegemônicos.

“QUEM SE ARRISCA A CONFIAR NOS MAIS POBRES?” Este é o título do instigante artigo proposto por Hélio Alexandre da Silva. Para o autor, um espectro ronda o nosso tempo: o espectro da desconfiança institucional. Além do argumento *arquiconhecido* segundo o qual a exclusão e a pobreza são elementos funcionais das sociedades capitalistas, outros argumentos têm se juntado a esse com intenção de oferecer maior precisão aos diagnósticos sobre o cenário político recente. Um desses argumentos é apresentado por Thomas Piketty em seu recente *trabalho Capital et idéologie* ao mostrar que a derrocada do arranjo político institucional que capitaneou os chamados Trinta Gloriosos em parte da Europa, foi sua face elitista. Contudo, ela se equilibrou de modo precário, particularmente porque produziu um afastamento político-eleitoral dos mais pobres e nunca pode ser seguramente blindado contra revoltas violentas ou regimes autoritários. A partir desse pano de fundo, o propósito do autor é explorar algumas consequências desse “afastamento político-eleitoral dos mais pobres”, em particular no Brasil, trazendo para o centro do debate uma tensão que pode ser traduzida nos termos de confiança e desconfiança.

O texto intitulado “2020: NARRATIVAS INDÍGENAS EM TEMPOS DE PANDEMIA” de autoria de Leonardo Ferreira Peixoto e Marsiel Pacífico buscou nas redes sociais, indígenas que narrassem seus momentos de medos, inseguranças, incertezas e suas práticas cotidianas de resistências e criações. O objetivo principal do artigo é narrar os impactos da covid-19 nas práticas cotidianas destas indígenas. Como resultado, tem-se o registro histórico dos impactos da covid-19 nos cotidianos de indígenas a partir de suas próprias narrativas; a compreensão das transformações

impostas pela pandemia no cenário atual e os movimentos de resistências e criações cotidianas das/dos indígenas. O artigo conclui valorizando as aprendizagens com indígenas, afinal, são mais de 500 anos de resistência à inúmeras tentativas de extermínio, apagamentos e produção de invisibilidade.

Ananda Radharanni Brasil Pinho e Luzi Borges são as autoras do artigo: “CIBERFEMINISMO E EDUCAÇÃO: DISCURSOS, RACIALIDADE E QUESTÕES DE GÊNERO”. Para elas, no contexto atual de isolamento e distanciamento social, por conta da pandemia do COVID19, as redes sociais digitais se configuram como grande aliada comunicativa. O digital em rede tem potencializado o compartilhamento de informações em tempo real sobre o cuidado com a saúde, os dados sobre o vírus e a importância de mantermos o distanciamento social. Fortalecendo a comunidade científica na divulgação e produção do conhecimento. O número de pessoas comuns que usaram as redes sociais digitais de forma criativa e produtiva também se multiplicou. Os artistas usaram essas plataformas como palco e reconfiguraram a sua forma de entretenimento do público e transformaram seus cachês em doações online através do *QRcode*. Os coletivos sociais usaram as redes sociais para divulgar seus *drive thru*. Os coletivos de mulheres produziram vídeos, criaram aplicativos e fizeram várias *lives*, denunciando a violência doméstica, as péssimas condições de moradia e segurança e suas formas de empoderamentos na luta contra o machismo e racismo. O objetivo das autoras é refletir como as mulheres negras brasileiras apropriam-se das redes sociais digitais para construir uma identidade de gênero, de raça e classe positiva, contribuindo para resistência e emancipação do grupo. Para as autoras, negritar as potências e desafios das lutas e narrativas das mulheres é crucial, pois amplia e fortalece as construções de mulheres negras como protagonistas de sua história.

Este é o resultado de um dossiê plural, construído a muitas mãos de diferentes partes do Brasil e de Moçambique. Esperamos que as/os leitores da Revista Periferia gostem deste dossiê e que dialoguem com nossos textos em suas pesquisas e escritos futuros. Sabemos a dificuldade que todos temos passado ao vivenciar a pandemia e produzir conhecimento neste contexto não tem sido nada fácil, ressaltamos aqui o compromisso de nossos colaboradores com a produção de conhecimento e a divulgação científica neste momento de constantes ataques à democracia, à ciência, às universidades, à educação, ao funcionalismo público. Ressaltamos que somos, em nossa maioria, professoras e professores de universidades públicas brasileiras e resistimos a esses ataques em nossos cotidianos, em nossas salas de aulas e no processo de produção/difusão de conhecimentos com e nas periferias.